

NA LINHA DA FRENTE

Este número de Estudos Moçambicanos é o último que foi preparado sob a direcção de Aquino de Bragança, fundador e director do Centro de Estudos Africanos. Por razões diversas este número é publicado cerca de um ano depois da sua morte, em Outubro de 1986, quando regressava com o Presidente Samora Machel de mais uma reunião em que foram analisados aspectos da resposta dos Estados da Linha da Frente à agressão política e militar sul-africana na região da África Austral.

Este número aborda muitas questões que preocuparam Aquino como intelectual e político trabalhando para um Moçambique independente. Reflecte, também, a atitude criadora, inquieta, curiosa e aberta que ele trouxe ao seu estudo. Ele confiava na contribuição da discussão e do debate para a análise política. Afirmou, muitas vezes, que a tarefa central do intelectual revolucionário era formular as perguntas justas. Sabia, no entanto, que a resposta à pergunta depende da recolha da informação e da capacidade para a aplicar.

Para Aquino, a análise histórica é necessária para o esclarecimento das questões que colocamos na análise do presente e este princípio fundamenta os dois primeiros textos, da sua autoria, com que abrimos este número de Estudos Moçambicanos.

No primeiro, ele sublinha um aspecto que é essencial para a compreensão da realidade política da RPM e que o próprio título enfatiza: este é um país africano cuja libertação foi conquistada pelas armas, um país que alcançou a "independência sem descolonização". É um texto em parte

autobiográfico que constituiu base para uma intervenção oral, um tipo de comunicação em que Aquino era mestre, e que ele pretendia desenvolver e precisar em muitos dos seus aspectos. Não obstante, é um texto que mantém a vivacidade, o interesse e o estímulo que caracterizavam as intervenções de Aquino.

O segundo artigo, escrito com Jacques Depelchin, constitui uma reflexão sobre alguns livros publicados sobre Moçambique. Nele se desenvolve o argumento que identifica determinadas maneiras de problematizar a história recente de Moçambique, que desviam - ou mesmo evitam - a percepção do actual processo político. O artigo faz parte duma conversa contínua entre duas pessoas intensamente preocupadas com o processo de libertação nacional e social na África Austral. Levanta questões, não oferece nenhuma resposta definitiva; tenta, apenas, provocar uma reflexão mais profunda.

O terceiro trabalho deste número de Estudos Moçambicanos, escrito por Kenneth Hermele, também utiliza a investigação histórica para contribuir para a nossa análise de contradições no período actual de transformação socialista em Moçambique. Em "Lutas contemporâneas pela terra no Vale do Limpopo", o autor aproveita não só a investigação de arquivos, mas também a sua experiência de trabalho no Ministério da Agricultura, para levantar questões acerca da posição de classe do campesinato e o seu relacionamento com a construção de formas mais avançadas, técnica e socialmente, de produção agrária, numa das regiões mais importantes do país para a produção alimentar.

Os dois artigos a seguir examinam a ofensiva regional lançada pelos países da SADCC, no âmbito dos transportes, contra a estrutura de subdesenvolvimento e domínio sul-africano. O objectivo dos dois autores é identificar os mecanismos que o capital sul-africano utiliza para manter a sua predominância nos mercados regionais de transporte. Despoletam o mito que pretende que esta predominância é o mero reflexo da maior eficiência e progresso técnico da economia sul-africana.

O artigo de Maureen Mackintosh resultou de um estudo de dois anos, realizado pelo CEA, sobre o papel do porto de Maputo no sistema regional de transportes, projecto que

contou com o apoio substancial do Ministério de Transportes e, em particular, do Ministro Alcântara Santos, que também morreu no despenhamento provocado, do avião do Presidente Machel. Neste artigo, Mackintosh analisa o movimento de contentores, de e para o Zimbabwe, um tráfego de cada vez maior importância regional, quer em termos de volume, quer em valor. Ele mostra que a predominância das vias sul-africanas reflecte o peso do capital sul-africano nas linhas de navegação e nas agências que determinam, na prática, como e por que via a carga dos seus clientes é transportada.

O artigo de Jeanne Stephens sintetiza um estudo que ela fez para o Ministério de Transportes sobre a estrutura de tarifas para o transporte regional. Demonstra que os Caminhos de Ferro da África do Sul, agindo de um modo típico do capital monopolista, subsidia as suas tarifas para minar a competição regional e as vias alternativas moçambicanas, em particular.

Finalmente, esta edição inclui, ainda, um trabalho de Rob Davies, intitulado "Apartheid em fúria", apresentado originalmente ao "Seminário Internacional sobre a Paz", que decorreu em Maputo, nos meados do ano passado. O texto de Rob Davies foca aspectos actuais da situação do regime de "Apartheid", explicando porque a opressão-repressão no interior da África do Sul e a agressão regional constituem elementos fundamentais e necessários da estratégia de defesa dum regime moribundo.

Alguns dos artigos deste número são controversos e pretendem, de facto, sê-lo. Eles são publicados porque demonstram o que Aquino tantas vezes pretendia: que o debate político público pode e deve combinar a polémica com um alto nível de rigor científico e conteúdo analítico. Devem contribuir para o enriquecimento do debate em futuros números de Estudos Moçambicanos.